

Léxico de étimo árabe em uso no período arcaico do português

Américo Venâncio Lopes Machado Filho¹

Dedicado a Rosa Virginia Mattos e Silva

Resumo: Como é próprio a qualquer língua natural, que reflete, com maior vitalidade, em seu léxico, os efeitos dos contatos culturais ou linguísticos a que se submete, muitas unidades vocabulares são frequentemente substituídas pela força da norma e em função da passagem do tempo. Para se conhecer sistematicamente a história de um povo, importa, pois, investigar o léxico em uso real, em diferentes sincronias, pois, a cada tempo, nele se pode espelhar mais diafanamente a força do contato em sua composição. Propõe-se, neste trabalho, observar o léxico de étimo árabe na edição semidiplomática de um dos documentos medievais considerados os mais antigos existentes no Brasil, isto é, o *Flos Sanctorum*, cujos originais, em pergaminho, se encontram depositados na Biblioteca Central da Universidade de Brasília, a fim de compreender a dimensão dos empréstimos dessa língua semítica em textos do medievo português. A partir do emprego de fragmentadores e concordanciadores informáticos, pôde-se conhecer um inventário lexical deveras inusitado, contribuindo, assim, para o trabalho de constituição histórica da língua portuguesa.

Palavras-chave: Português arcaico; Documentação medieval portuguesa; Léxico de étimo árabe.

Résumé: Le propre à n'importe quelle langue naturelle et qui reflète avec la plus grande vitalité dans son lexique les effets des contacts culturels ou linguistiques dont elle est soumise, c'est que beaucoup d'unités vocabulaires y sont fréquemment remplacées soit par la force de la norme, soit en fonction du passage du temps. Pour connaître systématiquement l'histoire d'un peuple, la recherche qui concerne le lexique dans son vrai usage s'impose dans différentes synchronies puisqu'à chaque temps la force du contact dans sa composition peut se refléter d'une façon plus diaphane. Ce travail est une proposition d'observer le lexique d'origine arabe dans l'édition semi-diplomatique de l'un des documents médiévaux considérés comme les plus anciens existants au Brésil, c'est-à-dire, le **Flos Sanctorum** dont les origines, en parchemin, sont déposés à la Bibliothèque Centrale de l'Université de Brasília. Il s'agit de comprendre la dimension des emprunts de cette langue sémitique dans les textes médiévistes portugais. À partir de l'emploi de programmes informatiques on a pu connaître un inventaire lexical vraiment inusité et ceci apporte une grande contribution concernant le travail de constitution historique de la langue portugaise.

Mots-clés: Portugais archaïque; Documentation médiévale portugaise; Lexique d'origine arabe.

Introdução

Portugal detém, como se sabe, uma das fronteiras nacionais mais antigas do mundo contemporâneo ocidental. Já em 1249, os portugueses haviam concluído o processo de Reconquista do território

¹ Professor Associado de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia. Salvador - BA. Correio eletrônico: americovenancio@gmail.com.

que julgavam seu, por regras do desejo, do direito ou, quiçá, da história. A Espanha, diferentemente dos lusitanos, esperaria por ainda mais de 240 anos.

Coincide esse momento de retomada territorial, aproximadamente,² ao da estreia da escrita em língua portuguesa, que tímida e bruxuleante, começa a substituir o papel exclusivo que detinha o latim, mesmo ainda sob o jugo muçulmano, nas sociedades letradas de origem linguística românica, sobretudo nos mosteiros e nas chancelarias reais.

A permanência, de mais de cinco séculos, da cultura, extremamente prolífica e versátil, dos árabes, naquela parte ocidental da Península Ibérica, deixou marcas indeléveis no léxico, tendo sido transportadas para as diferentes regiões em que Portugal construiu seu império extrativista e comercial, a partir do século XV. Estima-se que haja nos dicionários de português algo em torno de mil itens lexicais de étimo árabe, ainda hoje.

Faz (ou deveria fazer) parte das atividades normais de formação escolar dos falantes do português conhecer, ao menos introdutoriamente, algumas etimologias lexicais, sobretudo nos anos finais do ensino fundamental e durante todo o ensino médio, em especial.

Do árabe, destacam-se, frequentemente, nesses momentos escolares, itens que compõem a realidade diária de brasileiros, angolanos ou moçambicanos, tais como **alface**, **alfinete**, **almofada** — em que o artigo *a/* não se identifica com a sua categoria original, pois já se incorporara ao núcleo do sintagma original — ou mesmo elementos cuja fonte semita seja menos reconhecida, pelo homem comum, a exemplo de **cetim**, **sofá**, **tarefa**, entre outros. Uma **almofada de cetim** é, pois, por mais uma razão, dessa vez linguística, uma peça histórica.

Como é próprio a qualquer língua natural, que reflete em seu léxico, com maior vitalidade, os efeitos dos contatos culturais ou linguísticos a que se submete, muitas unidades vocabulares são frequentemente substituídas pela força da norma, sendo hoje, por exemplo, muito comuns os usos de elementos vocabulares do inglês em várias línguas oficiais de todo o mundo, mesmo em casos em que

² Note-se que os primeiros documentos escritos em língua portuguesa são da primeira quinzena do século XIII (Testamento de Afonso II, de 1214), embora alguns autores tenham tentado recuar essa data para 1175, mas não sem controvérsia.

o contato de falantes não se tenha operado diretamente, mas apenas de forma tangencial, de cariz comercial, político ou tecnológico, com efeitos reais na conformação da língua. Esse papel coubera, há algumas décadas, ao francês.

Para se conhecer sistematicamente a história de um povo, importa, pois, investigar o léxico em uso real, em diferentes sincronias, pois, a cada tempo, nele se pode espelhar mais diafanamente a força do contato em sua composição.

Considerando ser o período arcaico do português um momento deveras singular, “em que não se explicitara a norma, os padrões do uso prestigiado, estabelecidos pelos gramáticos” (MATTOS E SILVA, 2006, p. 17), propõe-se, neste trabalho, observar o léxico de étimo árabe em um dos documentos medievais, considerados os mais antigos existentes no Brasil, isto é, o *Flos Sanctorum*, do século XIV, a fim de compreender a dimensão histórica nos primeiros momentos de distanciamento entre esses dois povos, que tão estreitamente dividiram durante séculos o espaço de suas vidas.

Sobre o *Flos Sanctorum*

Na década de 1950, Serafim da Silva Neto trouxe para o Brasil um conjunto de manuscritos medievais escritos em língua portuguesa, que haviam anteriormente pertencido ao intelectual português Jorge de Faria, que o adquirira de algum desbarate bibliográfico decorrente do processo de extinção de ordens religiosas em Portugal.

O conjunto de documentos, composto do **Livro das Aves**, dos **Diálogos de São Gregório** e do ***Flos Sanctorum***, integra, desde 1964, após o falecimento do referido filólogo, o acervo da Divisão de Coleções Especiais da Biblioteca Central da Universidade de Brasília, sendo provavelmente os mais antigos manuscritos medievais em português existentes no País.

Todos os três textos, ou seja, o **Livro das Aves**, os **Diálogos de São Gregório** e o ***Flos Sanctorum*** foram foco de trabalho de investigação científica, tendo merecido, respectivamente, edições de Rossi *et al.*, em 1965, de Mattos e Silva, em 1971, e de Machado Filho, em 2009. O último dispõe, ainda, de edições digitais (paleográfica e interpretativa), em razão de integrar o Banco Informatizado de Textos,

do Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR), grupo de pesquisa que sempre fora coordenado por Rosa Virgínia Mattos e Silva, até seu precoce falecimento, em 2012.

A possibilidade de proceder ao tratamento automatizado dos dados lexicais, a partir de fragmentadores e concordanciadores informáticos, direcionou a escolha do último texto, antes referido, como *corpus* basilar deste trabalho.

O *Flos Sanctorum* é um conjunto de 81 folhas de pergaminho, em reto e verso, medindo, em média, 330mm por 220mm, cuja mancha de texto apresenta, em geral, 235mm por 175mm, em duas colunas, com 36 linhas cada.

Há de se observar que os indícios paleográficos patentes no *Flos Sanctorum* revelam se tratar esse manuscrito de uma cópia de outra versão desaparecida, anteriormente escrita em linguagem e não de uma cópia direta de um original latino, o que valida ainda mais seu uso para a observação sistemática do léxico.

Comparado a outros textos medievais de mesma temática, pôde-se verificar que algumas poucas narrativas integrantes do códice alcobacense CCLXVI, cujos trabalhos, coordenados por Ivo Castro, em Portugal, foram posteriormente coligidos em *Separata* da Revista Lusitana (Castro, 1985), apresentam alguma correlação com o *Flos Sanctorum*, dentre elas a [Vida de Tarsis], [Vida de Santa Pelágia] e [Vida de uma Monja].³

Com intuito de se procurar avaliar uma possível relação entre o *Flos Sanctorum* e o códice alcobacense CCLXVI, empreendeu-se o confronto direto entre os dois documentos (MACHADO FILHO, 2001), nomeadamente entre seus conteúdos e linguagem, utilizando-se como recorte os textos relativos à [Vida de Tarsis]⁴ ou [Tassis], cuja edição do manuscrito alcobacense foi realizada por Ana Maria Martins, apoiada no cotejo direto com a edição anterior apresentada por José Joaquim Nunes (1908), de quem em alguns pontos da leitura discordava.

As diferenças detectadas, tanto a nível de conteúdo quanto a nível da linguagem, descartaram, logo *a priori*, a correlação genética dos documentos em confronto, conquanto tivessem permitido corroborar com a noção de se tratar o *Flos Sanctorum* de um documento mais

³ Esta última narrativa se encontra fragmentária no *Flos Sanctorum*.

⁴ Até pouco recentemente se acreditava se tratar o relato da [Vida de Tarsis] do códice alcobacense 266 a única versão existente: afora um pequeno menolégio, seria "o único testemunho medieval conhecido em português, desta lenda" (DUARTE, 1993).

antigo, com características próprias aos documentos bem anteriores ao século XV, em função de sua linguagem, estritamente arcaizante, se comparada ao manuscrito quatrocentista.

Situando teoricamente a questão da etimologia

O trabalho de investigação de viés lexicográfico ou lexicológico pressupõe, inicialmente, que não se confunda étimo com derivação, como comumente se tem observado em alguns trabalhos acadêmicos, até mesmo em dicionários do português, hoje publicados. Para Viaro (2011, p. 99), “o étimo de uma palavra investigada é a forma equivalente da mesma palavra, imediatamente anterior numa sincronia pretérita qualquer”. Ou seja, é o resultado de acomodações fonéticas, quiçá semânticas, mas nenhuma de ordem mórfica.

Ademais, origem e étimo nem sempre são correlatos. Bom exemplo dessa questão se encontra em Viaro (2011, p. 106), já que para o autor, embora a palavra **açúcar** seja de étimo árabe, sua origem é indiana. A palavra **çarkara**, do sânscrito, que significaria ‘cascalho’, é tomada de empréstimo pelo árabe, mas é de sua forma **as-sukkar**, fonicamente acomodada, que procede o vocábulo integrado, hoje, ao português.

Curioso é perceber que a grande filóloga Carolina Michaelis de Vasconcelos destaca, *sine grano salis*, que “os elementos árabes são os mais notáveis entre os não latinos da língua portuguesa” (VASCONCELOS, 1946, p. 299), incluindo-os como palavras hereditárias, não como simples empréstimos, no rol que estabelece para as fontes do léxico português.

Piel (1989) registra a importância do que chama de **aluvião árabe** da seguinte forma:

Entre os elementos que, nas épocas obscuras em que se foi constituindo o Idioma, vieram avolumar o património vocabular latino, não há nenhuns que, quantitativa e qualitativamente, se possam comparar com aqueles, cuja aceitação se deve ao convívio e relações culturais das populações hispânicas com as muçulmanas (PIEL, 1989, p. 12).

Registre-se, entretanto, que o termo **aluvião**, cujo significado corresponde a “enxurrada”, é de etimologia latina.

O léxico de étimo árabe em uso no período arcaico

A edição do *Flos Sanctorum* que serviu de base de investigação neste trabalho foi a semidiplomática, proposta por Machado Filho (2009), composta de 208 páginas, em que se distribuem, aproximadamente, 95.000 signos lexicográficos, que compuseram um glossário de algo em torno de 4.000 entradas.

A partir do processamento desse material, no fragmentador/concordanciador WordSmith 4.0, identificaram-se diversos elementos de étimo árabe. Esse dados estão listados abaixo, no formato que convém a trabalhos de natureza lexicográfica, isto é, na forma de verbetes, em ordem alfabética, em que se identificam, para além do lema, em negrito, a classificação gramatical em português, o étimo, o significado ou significados, a abonação ou abonações correspondentes, com o número do fólio e da coluna originais no manuscrito.

achac[ar]-se – (< ár. *atsákka*, de *sáka*) 'Queixar-se'. ▢ pret. perf. ind. [F81vC2]: Entõ el **achacou-se** aa boa dona e disse-lhi.

açoute(s) – sm. (< ár. *as-saüt*) 'instrumento usado para punição ou flagelo'; 'espécie de chicote'. [xiv/flos/19vc2]: e tiinha huü bagoo na mão douro e nooso e em cima huü **açoute**. [xiv/flos/36rc2]: hũa noyte dormindo em seu leyto, apareceu-lhi a gloriosa sancta olalha e deu muytos **açoutes** em sas costas

adeyl – sm. (< ár. *ad-dalil*) 'Guia'; 'condutor'; 'piloto'. [F21rC2]: Eu quando entrey aa primeira parte do ermo houvy por **adeyl**, huü frade sesudo do logar.

afaagar – v. inf. (< ár. *hālaq*) 'Acariciar'; 'adular'. [F21vC2]: e como fez aa besta de gram crueza conhocer seu furto e haver vergonça e, chamada, viirr e amerger a cabeça e leixou-se **afaagar**. ▢ ger. [F46vC2]: E abraçando-o muyto e **afaagando-se** pera fazer mal com ele.

alcofas – sf. pl. (< ár. *alquffa*) 'Tipo de cesto de vime ou de folha de palma'. [F46rC2]: E entõ torney-me pera mha cela e dey a aquel que me fiara quantas **alcofas** e quantos cestos e quantas outras obras tiinha de palma que fezera com mhas mãos e que as vendesse.

aldeya(s) ~ aldeia – sf. (< ár. *ad-day'a*) 'Pequena povoação'. [F46vC1]: E havia huü sergente que o servia que morava fora em hũa **aldeya** preto dele. [F46vC1]: Queres yr a aquela **aldeia** chamar o nosso sergente que nos traga aquelas cousas que mester havemos? [F33vC2]: E se algüus da cidade ou das

aldeyas que eram derredor viinham a esse moesteiro.

algalya – sf. (< ár. *al-gāliā*) 'Perfume de almíscar e âmbar'. [F17vC2]: E peru passavam, yam dando odor de musgo e d'**algalya** e doutras specias que cheyram bem.

aljoufar – sm. (< ár. *al-ğauhar*) 'Pérola'. [F17vC2]: ca todos tragiam muytos panos e sertas e vincos e brochas e anees douro e de prata e d'**aljoufar** e de pedras preciosas.

alvaziis – sm. pl. (< ár. *al-uazir*) 'Aguazis'; 'oficiais de justiça'; 'meirinhos'. [F15vC1]: E correndo assi pelas ruas os **alvaziis** vyu-os huū homem que nõ havia hi culpa e começou a fogir e colheu-se aa cela daquel Macario do Egipto.

ata¹ – prep. (< ár. *hattā*) 'Até'. [F72rC2]: Se pesseverares **ata** a cima, naquesta morada te receberey eu. [F76rC2]: E quantos outros de muytas e desvayradas enfermidades foram livres e depois que el morreu **ata** este tempo que nós ora vivemos.

ata² – el. conj. (< ár. *hattā*) 'Até'. [F72rC2]: E tevera-o eu comigo em huū tempo de fame porque era enfermo e dava-lhi o que mester havia, **ata** que foy são. [F81rC2]: e trouve-o sempre em seu colo **ata** que o meteu no moesteiro onde o primeiramente tirara.

azeyte – sm. (< ár. *az-záit*) 'Óleo de azeitona'. [F15rC2]: E adur achariades hi frade que **azeyte** comesse e muytos havia hi deles que nõ prendiam sono jazendo, mais estando. [F1vC1]: Irmaão Jacobo, alegremo-nos hoje com os anjos de Deus pola saude desta manceba e comhamos do **azeyte** e bevamos do vinho com special lediça.

cafizes – sm. pl. (< ár. *qafiz*) 'Medida de capacidade para secos'. [F13vC1]: Ca saãem todos, em tempo do pã colher, a segar ou a servir por el, em algũa guysa, assy que o que chus pouco gaanha tres ou quatro **cafizes** som. Desto filham eles a mayor parte e dã-na a seus abades pera os pobres.

çaga – sf. (< ár. *sāqâ*) 'Retaguarda do exército'. [F82vC2]: Se me tornar a **çaga**, terrá o enmiigo que o faço com seu medo e des aqui adeante querra-se apoderar de mim.

çarrom – sm. (< ár. *şurra* ou do vasco *zorro*) 'Saco de couro para levar cereais'; 'bortal de couro dos pastores'; 'surrão'. [F41vC2]: E eu dey-lhis hũa segur e huū **çarrom** cheo de pã e sal em que se mantevessem, dementre fizessem a cela.

foan – sm. (< ár. *fulān*) 'Fulano'; 'indivíduo indeterminado'. [F82vC1]: Di ao meu procurador que dê tanta esmolna a **foan** e tanta a **foam**.

forro – adj. (< ár. *hurr*) 'Livre'. [F31rC1]: E mandou polos mercadores que lhi enviaram aquelas doas e rogou-os que lhi dessem aquel menino e que lhes daria por el quanto lhi demandassem. E eles disserom que o menino era forro e

engenho e que seu padre e sa madre lho derom que veesse com eles pera haverem com ele prazer.

mesquinho(s) – sm. / adj. (< ár. *meskīn*) 'Pobre'; 'desgraçado'. [F44vC2]: E depois todo esto o **mesquinho** do monge tornou tal come sandeu e, nã podendo sofrer a vergonha do engano que lhi o enmiigo fezera, el enganou si meesmo muy peor que o o enmiigo enganara. [F47rC1]: Ca todo esto eu vy com meus olhos: meu padre na vida muy **mesquinho** e muy menguado e com muytas doores. [F55vC2]: Chama os nossos deus e os que os oram **mesquinhos** e que todos arderã por sa ceguydade no fogo perduravil que nunca se pode apagar.

nora – sf. (< ár. *nā 'ūra*) 'Aparelho utilizado para retirar água de poço'. [F21rC2]: E estava huū poço ant'a cela. E el havia huū boy que metia aa **nora** que lhi sacasse a agua daquel poço. E o poço era fondo bem de mil pees.

rafece(s) ~ refece(s) – adj. (< ár. *ar-rakhīç*) 'Ordinário'; 'barato'; 'de pouca importância'. [F12vC2]: Ca el se metia aa tanto serviço **rafece**, tanto havia em si grande humildade. [F3vC2]: E se nolo nã quiseses dar nã é **refece** cousa de julgar como tu e os de teu moesteiro errastes em escandalizar o servo de Deus. [F30rC1]: E quando veerom e o virom vestido de vestiduras muy viis e muy **rafeces**, disserom antre si que muyto lhis era melhor de morrerem, ca de servirem tal senhor. [F38vC1]: E todo outro serviço que soem a fazer os sergentes **refeces** a seus senhores todo o façam eles muyto homildosamente a todolos prelados da dicta eigreja.

salgemas – sf. pl. (< ár. *al-ğamâ'a*) 'Algemas'; 'pulseiras de ferro'. [F81rC1]: E o outro acharom-no em huū maaõ feito e prenderom-no e meterom-no em carcer em huū logo muy escuro e muy fedorento. E meterom-lhi grandes adovas nos pees e grandes **salgemas** nas mãos e grandes cadeas na garganta.

sandia(s) – adj. (< ár. *sandiia*) 'Louca'; 'tola'. [F15vC1]: Havia huū sancto homem em huū castelo que havia sa filha **sandia** e a sandice era tal toda via que em sandice se feze egua per semelhar. [F10rC1]: A grandeza do coração logo da primeyra é **sandia** e leve e desto nace sandice e da sandice amargura e da amargura grandeza e sobervha de coração. [F34rC2]: Aqueste, sendo bispo na dicta cidade da parte daqueles que tiinham a heresia de Arrio, dizia muytas paravras **sandias** e çujas contra o sancto bispo Mazono que era da parte dos cristaaos.

Como se pôde depreender dos dados acima arrolados, alguns elementos ainda se encontram em plena produtividade no português brasileiro contemporâneo, comprovando a indelebilidade da história e da sócio-história na composição das línguas naturais.

Depois de 764 anos do último momento em que esteve presente

na Península Ibérica, convivendo com portugueses e moçárabes⁵, a força da cultura árabe poderia, por mais estranho que pudesse parecer, **afagar fulanos, achacar refeces** ou **mesquinhos, até açoitar sandios**, prendê-los com **algemas**, ou enfeitar de **aljôfar** o **forro**, para que a liberdade reluzisse do passado. Alguns dialetos do português ainda podem, talvez, utilizar a **nora** para retirar água de um poço, que uma prospecção dialectológica, na dimensão do Projeto ALiB, pudesse confirmar ou negar.

Não obstante, alguns outros elementos resistem, hoje, apenas no léxico passivo da língua portuguesa. O homem comum não saberia, provavelmente, identificar a função social do **alvazil** ou do **adeil**, ou mesmo o volume a que se refere um **cafize**.

O próprio português, se se considerar seu esteio latino, mudou, como mudam todas as línguas humanas. As abonações que compõem os verbetes são prova disso. O que importa é que a mudança não se perca na memória linguística.

Conclusão

Foi função deste trabalho demonstrar a vitalidade do étimo árabe em um documento medieval português trecentista, de temática e narrativa bastante voltadas para aspectos da religiosidade cristã, distantes bastante do ambiente social propício para sua difusão.

Diversos itens lexicais foram identificados no *corpus* e podem, modestamente, contribuir para o registro de constituição histórica da língua portuguesa e, em especial, para o papel do contato do árabe na formação de seu esteio vocabular.

Referências

CASTRO, Ivo (dir.). Vidas de Santos de um manuscrito alcobacense (Coleção mística de fr. Hilário da Lourinhã, Cód. Alc. CCLXVI / ANTT 2274). Separata de: **Revista Lusitana**. (Nova série), Lisboa, n. 4, 1985.

DUARTE, Luiz F. Vida de Tarsis. In: LANCIANI, Giulia e TAVANI, Giuseppe (orgs.) **Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1993. p. 675.

MACHADO FILHO, Américo V. L. Aquisse começa huu)) exe)plo perque pode

5 Povo românico, sem escrita, que habitava a Península Ibérica durante o período de domínio árabe.

ente)der algu)as diferenças antre dous manuscritos que de consuu) tratam da uida de Tassis molher que foy muy pecador. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, n. 4, p. 69-95, 2001.

MACHADO FILHO, Américo V. L. **Um flos sanctorum trecentista em português**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **A mais antiga versão portuguesa dos Quatro livros dos diálogos de São Gregório**: Edição crítica com Introdução e Índice geral das palavras lexicais. 1971. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1971.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

NUNES, José Joaquim. Vida de Tarsis. **Revista Lusitana**, Lisboa, n. 11, p. 211-12, 1908.

PIEL, Joseph-Maria. Origens e estruturação histórica do léxico português. **Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa**, Lisboa, IN-CM, 1989, pp. 9-16.

ROSSI, Nelson et al. **Livro das aves**: edição crítica, introdução e glossário. Rio de Janeiro: INL, 1965.

VASCONCELOS, Carolina M. de. **Lições de filologia portuguesa**. Lisboa: Revista de Portugal, 1946.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

Recebido em 27 de fevereiro de 2013.

Aceito em 17 de maio de 2013.